

Memória da imigração e a história do urbanismo na Galícia

Eulalia P. Negrelos

Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP), Universidade de São Paulo

RESUMO: Neste artigo realizamos uma dupla narrativa articulando memória e história: a memória da imigração de meus pais, baseada na oralidade com seus relatos sobre o deslocamento físico e emocional entre a Galícia (Lugo) e o Brasil (São Paulo) no início da década de 1950. Ao mesmo tempo, trabalhamos com a história, entremeando dados das fontes documentais pessoais desse percurso e informações historiográficas sobre a história do urbanismo, particularmente do Ensanche na Galícia. *A Coruña* é o centro do relato disciplinar, uma vez que nos interessa destacar a aquisição de uma cultura urbana por meu pai durante sua estada nessa cidade para o serviço militar, de 1942 a 1945. Seu amor pelas cidades me foi passado nessa trajetória civilizatória e moderna e, neste trabalho, buscamos explorar a história do urbanismo na Galícia no sentido de reabrir, pelo menos para o ensino universitário a que nos dedicamos em São Paulo, a grande quantidade de ensanches que se propuseram e se efetivaram em toda a Espanha, com relevo para sua região noroeste tão desconhecida pelos brasileiros.

Palavras-chave: memória; história; imigração; urbanismo; ensanches.

Memoria de la inmigración y la historia del urbanismo en Galicia

RESUMEN: En este artículo realizamos una doble narrativa articulando memoria e historia: la memoria de la inmigración de mis padres, basada en la oralidad con sus relatos sobre el desplazamiento físico y emocional entre Galicia (Lugo) y Brasil (São Paulo) en el inicio de la década de 1950. A la vez, trabajamos con la historia, entramando datos de las fuentes documentales personales de ese recorrido e informaciones historiográficas sobre la historia del urbanismo, particularmente del Ensanche en Galicia. *A Coruña* es el centro del relato disciplinar, una vez que nos interesa destacar la adquisición de una cultura urbana por mi padre durante su estada en esa ciudad para el servicio militar, de 1942 a 1945. Su amor por las ciudades me ha sido pasado en esa trayectoria civilizatoria y moderna y, en este trabajo, buscamos explorar la historia del urbanismo en Galicia en el sentido de reabrir, por lo menos para la enseñanza universitaria a que nos dedicamos en São Paulo, la gran cantidad de ensanches que se han propuesto y que se han hecho efectivos en toda España, con relieve para la región noroeste tan desconocida para los brasileños.

Palabras-clave: memoria; historia; inmigración; urbanismo; ensanches.

Memory of immigration and the history of urbanism in Galicia

ABSTRACT: In this article we carry out a double narrative articulating memory and history: the memory of the immigration of my parents, based on orality with its reports on physical and emotional displacement between Galicia (Lugo) and Brazil (São Paulo) in the early 1950s. At the same time, we work with history, intermingling data from the personal documentary sources of this journey and historiographical information on the history of urbanism, particularly of

Ensanche in Galicia. *A Coruña* is the center of the disciplinary report, since we are interested in highlighting the acquisition of an urban culture by my father during his stay in this city for military service, from 1942 to 1945. His love for cities was passed on to me in this civilizing and modern trajectory and, in this work, we seek to explore the history of urbanism in Galicia in order to reopen, at least for the university education to which we dedicate ourselves in São Paulo, the large number of *ensanches* that were proposed and made effective throughout Spain, with emphasis on its northwest region so unknown to Brazilians.

Keywords: memory; history; immigration; urbanism; *ensanches*.

1. A imigração galega desde o século XIX

¿Qué es la vida? Un frenesí:
¿Qué es la vida? Una ilusión,
Una sombra, una ficción,
Y el mayor bien es pequeño;
Que toda la vida es sueño,
Y los sueños sueño son.

Pedro Calderón de la Barca
1836 in *Valverde* (1981, p. 86)

Neste trabalho, que não se arvora acadêmico e, muito menos, científico, tratamos de um quadro complexo de reflexões que envolvem as difíceis abordagens e os limites entre Memória e História. Aqui destacamos duas acepções desse confronto teórico e metodológico: a primeira delas vinculada a um conjunto de lembranças envolvidas em muito sentimento sobre o processo de imigração de meus pais¹ da Galícia para o Brasil; nessa abordagem, a memória familiar, embora desenvolvida em uma base histórica dos eventos envolvidos, é abundante e centra nosso relato. No entanto, essa base histórica, num segundo caminho de abordagem, está aqui explorado pelo recorte temático da história do urbanismo na Espanha, com particular delimitação na Galícia e, ainda mais, nas aldeias de Lugo – origens ancestrais – e na capital do “país”, da Galícia, A Coruña – destaque da memória de meu pai quando da sua estada no serviço militar de 1942 a 1945.

Memória e história, assim, estão presentes e entrelaçadas permanentemente, inclusive na memória da ditadura de Francisco Franco, cujas lembranças emergentes em muitos momentos dos relatos foram abafadas em nome de olhar para frente. No entanto, o autoritarismo, a crueldade e as injustiças cometidas pelo regime fascista aparecem aqui em documentos de imigração.

Se considerarmos a experiência da emigração/imigração como um trauma, o sujeito pode decidir recordar, silenciar ou esquecer, e aqui estamos localizados na memória individual;

¹ Dario Negrelos Sinde e Digna Portela Yañez – No Brasil minha documentação leva o sobrenome da mãe antes diferentemente da Espanha, onde o sobrenome do pai antecede o materno.

já no processo social, “as contas com o passado” se combinam com urgências éticas e demandas morais, não fáceis de resolver (JELIN, 2002, p. 47). Neste trabalho reconhecemos que atuamos no sentido de promover uma legitimidade da recuperação da memória dos familiares galegos imigrantes, na chave indicada por Bourdieu (1985, p. 49), ressaltando que “a eficácia simbólica do discurso de autoridade depende sempre da competência linguística de quem o diz”, e nossa autoridade aqui é a de primeira geração de descendentes, que recolheu com muito interesse e emoção algumas das memórias que estão registradas neste trabalho, sejam orais ou documentais, lançando mão da escrita articulada com o campo disciplinar do urbanismo.

A oportunidade deste trabalho é dupla: por um lado, tratamos de travar uma luta de reconhecimento, que implica numa estratégia de difusão do conhecimento sobre a imigração galega para São Paulo, aproveitando a legitimidade da narrativa em um veículo de disseminação como a Revista Tempo Exterior, mobilizando nossa energia e transformando-nos em “empreendedores da memória”, no sentido de Jelin (2002).

Por outro lado, uma outra luta se indica aqui, no campo da história urbana, que deve mobilizar documentos, temporalidade e a escrita de forma diferenciada em relação aos relatos de memória. Como historiadora e professora do urbanismo, me interessa expor o abismo de compreensão que há entre o que se veicula limitadamente sobre a expansão territorial das cidades espanholas através do Ensanche e a abundância de experiências desse tipo, inclusive na Galícia. E aqui o desafio é duplo, pois a Galícia é uma desconhecida nos estudos do urbanismo no Brasil.

Relacionar a memória da imigração com a história do urbanismo na Galícia é um objetivo que não será atingido plenamente neste trabalho, mas se inaugura enquanto esforço de historiadora. Aqui se entrelaçam duas histórias, segundo Le Goff (1990), a memória coletiva, constituída das experiências vividas entre o presente e o passado e que, portanto, pode aparecer deslocada no tempo, e a memória dos historiadores, que lidam com o risco de desejar esclarecer a memória coletiva. Neste trabalho assumimos esse risco, seja como descendente e, portanto, também deslocada e produtora de mitos, seja como historiadora do urbanismo, que busca dar um sentido de pesquisa a uma memória particular de meu pai, articulando-a com uma historiografia sobre o urbanismo n’A Coruña. Ao mesmo tempo, a memória coletiva na minha experiência é de um pequeno grupo de imigrantes, os “patricios”, que se instalaram no bairro paulistano da Mooca e que são originários de algumas aldeias de Castro de Rei/Lugo.

Logo, lidamos com a memória como produto no interior do que Peres (2003) trata como “dialética da lembrança e do esquecimento” (p. 20), sobretudo no que se refere à ruptura com uma vida, “ruptura – que não se faz apenas física e geográfica – é também emocional” (p. 21) e daí, constitui memória.

Se na história do povo galego a situação de imigrante já havia iniciado no século XIX, adensando o que pode-se considerar um enorme grupo de “cidadãos da Diáspora moderna” (PERES, 2003, p. 21), baseada em documentos e temporalidades muito claras, aqui se esmiúça uma memória do que significou a perda das raízes, o “desenraizamento [como] perda de referências e a reorganização dos valores [...] morrinha, recordação permanente da terra natal”, que me foi passada e que ainda hoje a sinto, e me move na redação deste artigo, uma vez que estou cada vez mais próxima de meus familiares – numerosos e crescendo – na Terra Chá.

A Galicia é tradicionalmente uma região marcada pela emigração, que se tornou até um estigma do galego. A dispersão galega, responsável direta pela *morriña*, provocou sulcos profundos na fronte desse povo, que a Espanha franquista tratou de cultivar, fornecendo passaportes após o término do conflito mundial. Esse processo foi regulamentado pela Orden del Ministerio del Trabajo de 29 de março de 1946.” (PERES, p. 37)²

A imigração galega intensa no século XIX é descrita por Costa Clavell (1967, p. 125-126), ao reunir uma biografia e poemas de Rosalía de Castro: “La tragédia del galego que se ve obrigado a emigrar – suicida sangría de savia joven que todavia no ha sido restañada, ni mucho menos, a estas alturas – está captada por Rosalía con suma eficacia expresiva”:

Adiós ríos, adiós fontes,
 adiós regatos pequenos,
 Adiós vista dos meus ollos,
 Non séi cando nos veremos.

Miña terra, miña terra,
 terra donde m’eu criei,
 hortiña que quero tanto,
 figueiriñas que prantei.

Prados, ríos, arboredas,
 pinares que move o vento,
 paxariños piadores,
 casiña de meu contento.

Muhiño dos castañaes,
 noites craras de luar,
 campaniñas timbradoras
 da igresiña do lugar.

Amoriñas das silveiras
 qu’eu lle dab’ó meu amor,
 camiños antr’ó millo,
 ¡adiós para sempr’adiós!

2 Para a comprensión da “morrinha”, Peres (2003) indica a obra BACELAR, Jeferson: Galegos no Paraíso Racial, Ianamá/CEAO/CED. 1994. Para as accións fascistas que implicam na emigração galega pós Segunda Guerra Mundial Peres (2003) indica a obra HERNÁNDEZ BORGE, Julio; DURÁN VILLA, Francisco R.: Guía Bibliográfica de Emigración Galega, Servicio de Publicaciones e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 1992.

“Adiós groria” ¡Adiós contento!
 Deixo a casa onde nacín,
 deixo a aldea que conoço,
 por um mundo que non vin!

Deixo amigos por extraños,
 deixo a veiga polo mar,

deixo, en fin, canto bem quero...
 ¡Qué pudiera non deixar!
 [...]

No período de 1850 a 1972, é possível verificar que segundo “as estatísticas da imigração para o Brasil e, em especial, para São Paulo, os espanhóis compuseram o terceiro grupo de maior entrada, superando em alguns anos o número de italianos e portugueses. [...]” (PERES, 2003, p. 34)³. E destacando a imigração galega, que aqui nos importa realçar como grande contingente desde o século XIX, Peres (2003, p. 35) nos indica que

[...] um grupo significativo provinha da Galícia, região Noroeste da Espanha, identificada por sua forte tradição rural e pela imensa quantidade de homens e mulheres que a deixaram, desde o século XIX, em direção à América. Segundo o historiador Eiras Roel, entre 1891 e 1915, a Galícia competiu com a Irlanda pelo primeiro lugar entre as regiões europeias de maior emigração relativa (por cada mil habitantes).

Segundo Baldellou (1995), nesse período duas etapas de fluxo emigratório galego: de 1850 a 1914, quando teriam emigrado de 40 a 70% da população da região. Num período posterior, de 1915 a 1930, teriam sido cerca de 500.000 galegos a deixar sua terra e, até 1945 a saída teria sido muito menor. “De 1945 a meados da década de 60, o total de espanhóis que se dirigiram para o Brasil foi de aproximadamente 120 mil, segundo Herbert Klein, sendo que 75 mil deles teriam se fixado no Estado de São Paulo” (PERES, 2003, p. 34).

2. A memória familiar: a Terra Chá e a imigração galega para São Paulo na década de 1950

Peres (2003)⁴ recorta o período de 1946 a 1964 para a reconstituição da imigração gale-

3 Peres (2003) indica a obra KLEIN, Herbert: A imigração espanhola no Brasil, Sumaré/FAPESP, São Paulo, 1994.

4 Peres (2003), historiadora da FFLCH-USP, filha de pai galego e mãe brasileira, descreve com excelência o período de 1946 a 1964, em que encontramos a viagem de meus pais, em 1953 e 1954. Como uma das principais fontes documentais trabalhadas pela autora está no registro de passageiros desembarcados no Porto de Santos, guardado e disponível no acervo do Memorial do Imigrante em São Paulo, localizado no bairro do Belém, lindeiro com o bairro do Brás, que, junto com a Mooca, formam um conjunto de bairros onde se instalaram os galegos e onde até o presente estão localizadas as casas de seus descendentes, como a de meus pais.

ga em São Paulo, destacando possíveis razões de promoção, em função, entre outras razões, da carência imposta por Franco a essa região, sobretudo nos anos 1950, quando inicia o “desenvolvimentismo” espanhol que se concentra em Madrid (NEGRELOS, 1998), particularmente observado no investimento e habitacional público até o início dos anos 1960. (SAMBRICIO, 2003)

Los destinos americanos preferentes fueron: Argentina, Cuba, Uruguay, Brasil y Venezuela y, sin que se produjesen asentamientos especialmente uniformes, la emigración se dirigió a las zonas de mayor desarrollo económico, los centros urbanos portuarios con mayor demanda de mano de obra.
(BALDELLOU, 1995, p. 15)

Os estudos sobre o desenvolvimentismo tem nos ocupado há algum tempo, particularmente em suas relações internas na América Latina (FERRARI; NEGRELOS, 2016; 2022), mas neste caso é notável como se articulam os períodos de maior intervenção estatal na economia nos moldes capitalistas tanto nessa região quanto na Espanha. São Paulo é o centro, no período recortado por Peres (2003), de um pujante processo de industrialização intensificado a partir da segunda guerra mundial a partir dos esforços de Getúlio Vargas desde seu golpe de Estado em 1930. Na década de 1950, a cidade já é o centro da maior aglomeração pré-metropolitana do país e atrai novas levas de trabalhadores tanto estrangeiros quanto nacionais.

Neste item, circunstanciada a situação da imigração galega provocada tanto pelas precárias condições econômicas na Galícia quanto pelos atrativos do desenvolvimento no Brasil, com foco para São Paulo, passaremos a registrar as memórias do processo de imigração de meus pais, que estão profundamente registrados em minha própria memória.

2.1. A vida na Terra Chá

As aldeias de origem de meus pais encontram-se no Concello de Castro de Rei: Pacios, onde nasce Dario, e Santa María de Outeiro, lugar de Digna. Trata-se de uma região denominada “terra chá”, plana e interior da província de Lugo, composta pelos municípios de Abadín, Begonte, Castro de Rei, Cospeito, Guitiriz, Muras, A Pastoriza e Vilalba. O sítio e a paisagem do lugar oferecem condições duras para a principal atividade, o lavradio, numa região em que o Rio Miño tem presença central e que a neblina, a umidade e o frio invernal são elementos desafiadores para o lavrador e que orientam à construção de um caráter forte para seu povo⁵.

Junto à vida nas aldeias, está a dimensão da religiosidade e das festas das paróquias. Inclusive, muitas vezes a memória dos lugares aparece como a memória das paróquias. Para Pacios, o San Salvador do fim de agosto e para Outeiro, a festa da padroeira, Santa María, no 12 de setembro. Essas são festas de povoados, mas que incluem a celebração da festa em uma das casas familiares, juntando seus membros. Essa experiência é algo que ainda hoje se vive e

5 As terras do Miño incluem os seguintes concellos/municípios: A Pastoriza; Abadín; Alfoz; Baralla; Begonte; Castro de Rei; Castrovirde; Cospeito; Friol; Guitiriz; Guntín; Lugo; Láncara; Meira; Mondoñedo; Muras; O Corgo; O Páramo; O Valadouro; Ourense; Outeiro de Rei; Pol; Riotorto; Rábade; Vilalba; Xermade. Fonte: https://www.turismo.gal/que-visitar/xeodestinos/terra-cha?langId=pt_PT.

eu tenho tido essa experiência recorrentemente junto a primos e primas e seus filhos e netos.

Outra dimensão fortemente presente, não apenas na memória, mas na formação familiar, é a formação para o trabalho. E, nesse sentido, o trabalho é mais do que um espaço de sobrevivência, sobretudo o trabalho *labrego*, que lida com o alimento, plantas e animais, mais a dimensão moderna da edificação pessoal através do trabalho. É uma contradição aparente, mas que se dissemina permanentemente na descendência galega. Nesse sentido, as famílias numerosas na geração de meus pais – e também de alguns dos primos mais velhos – são uma constante, em que os filhos são importantes também para o trabalho: 11 filhos na família Negrelos e 8 na família Portela. Os relatos de Dario sobre o trabalho ainda criança, com 8 anos, pastoreando as ovelhas junto com sua irmã dois anos mais moça, sempre foram muito presentes nas suas memórias e os perigos enfrentados junto ao Miño também se fundamentam em dramáticas situações de acidentes de queda no leito do rio.

2.2. Os lugares geográficos

Na Terra Chá o Miño está sempre presente na lembrança da terra e das origens, acompanhada das memórias do alimento, das *troitas*, emoldurando a casa de meu pai em Pacios e passando sob a “Ponte d’Outeiro”, na aldeia de minha mãe. Os montes e os prados e as feiras são até hoje, para mim, um legado de memória, enriquecida aqui por Manuel María (Canto à Terra Chá, 2005, p. 24):

¡Ouh miña Terra Chá, amada dende lonxe,
 povoada de ventos e carpazas,
 por onde o Miño passa caladinho
 pra non despertar tanto silencio
 que envolve bruscamente ceo e terra!
 ¡Terras humildes, ciscadas pola Chá,
 que non se dan medidas cunha ollada:
 lévovos no fondo da lembranza
 alumando os meus días, intre a intre!

¡Terras de Vilalba e de Cospeito;
 Castro de Rei e Outeiro de Rei,
 Rábade, Abadín e Pastoriza...!
 ¡Terras peladas e ásperas de Parga;
 gándaras sem fin de Guitiriz...!
 ¡Serra de San Simón, perto a Vilalba;
 Montes de Fitoiro, ollando a Lugo;
 Serra de Meira, chantada pró Nacente
 e Cordal de Ousá, cara a Friol...!
 E aló pola Pastoriza e Monsaibán
 os cabalos da grea, desbocados,
 galopando por min antergos soños

que rexursen de novo, nun repente.
¡Feirón de Vilalba! ¡Feiras de Castro,
Rábade, Muimenta e A do Monte...!
Ainda o voso rumor na miña alma
resoa cun doce e vello son de muiñeira. [...]

No canto de Manuel María já aparecem alguns dos lugares urbanos mais presentes na memória falada de meus pais. Independentemente de minha própria memória dos lugares, adquirida desde minha primeira viagem à Galícia no período de 1985 a 1987, e aprofundada recentemente na última viagem de novembro de 2022 a fevereiro de 2023, estes são os principais lugares de memória de meus pais que ressoam até o presente: Outeiro e Pacios, aldeas originárias: Castro de Rei – a municipalidade; Baltar – aldeia de meu avô paterno; Pastoriza – onde se casou uma irmã de meu pai; Muimenta – onde se casou outra irmã de meu pai; Meira – a principal feira e Castro Riberas de Lea, feira onde vendia queijos a tia de Muimenta; Mondoñedo – a caminho de Foz; e esta última a praia não fruída apenas visitada.

2.3. Indícios de cultura urbana

Já moço, Dario circula pela região em bicicleta, o que é comum em seu grupo de companheiros. A planura “chairega” contribui nesse meio de circulação, mas os passeios mais distantes devem ser realizados enfrentando os montes, principalmente no sentido de Mondoñedo a caminho do litoral, da praia de Foz.

A aquisição de saberes dos ofícios externos ao lavradio interessou a meus pais, o que aparece na sua memória como habilidades enquanto adolescentes e como possibilidades de sair do campo já mais moços. Meu pai vai aprofundando o aprendizado do ofício de marceneiro, o que se amplia posteriormente nas oficinas do Exército, durante o serviço militar n’A Coruña. Para a mãe se destina o aprendizado do ofício de modista, para cuja especialização Digna passa por curso em Lugo, da qual muito pouco se falava na nossa casa. “Tempos difíceis tanto para aqueles que optaram por imigrar após a Segunda Guerra Mundial como para aqueles que resolveram permanecer na Galícia recolhidos em suas aldeias, transformadas em monumento-símbolo da desagregação do mundo rural galego” (PERES, 2003, p. 20).

2.4. A memória de meu pai: o acesso a uma cultura urbana na Coruña

Destacamos a memória de meu pai n’A Coruña, cidade muito lembrada por ele por sua estância de 1942 a 1945, durante o serviço militar, cujos relatos me foram realizados principalmente nos anos em que o cuidei, já viúvo e ancião, de 2007 a 2020. É dessa vivência que destacamos as memórias aqui trabalhadas, realçando a construção de uma cultura urbana cosmopolita – ou quase – da experiência paterna, que ilumina nossa percepção dessa cidade e orienta a reflexão aqui realizada.

Minha primeira tomada de contato com A Coruña foi em 1986, quando Lugo ainda povoava minha compreensão sobre a Galícia, e não passou de um passeio na Praça María Pita, antes de um belo jantar com um primo querido e sua esposa; no entanto, esse momento marcou uma memória de urbanista, que 36 anos depois pude novamente reavivar.

Minha memória d'A Coruña foi muito enriquecida entre essa experiência parca e breve e todos os relatos detalhados de meu pai, ensejando um conhecimento de memória dos *cantóns*, da orla marítima, do hospital militar em que foi operado do bócio. E, principalmente, o teatro Rosalía de Castro, onde meu pai semanalmente assistia funções, à paisana, usufruindo de seu soldo, já que o recebia como trabalhador nas oficinas de marcenaria do Exército.

A “Cidade Velha” não aparecia nos relatos, tampouco o Ensanche com os prédios modernistas; na memória de meu pai estão, além dos lugares acima citados, a Torre de Hércules, o Castelo de San Antón e, principalmente, a Calle Real, o que é bem compreensível pela sua situação de dinamismo e de lateralidade ao teatro Rosalía de Castro.

De todas as formas, a percepção da cidade, o contato com uma cultura urbana cosmopolita, que meu pai me passou como um dos bens mais caros de minha herança, podemos dizer que se vinculam ao Ensanche, pela sua situação articulada ao porto – cuja centralidade é nevrálgica nessa parte da cidade até hoje. O porto concentra importante atividade socioeconômica para Coruña, inclusive pela relação direta com os acessos rodoviários ao centro do país, especialmente a região da Castilla (GONZÁLEZ-CÉBRIAN TELLO, 1992, p. 340) e, talvez, por essa razão a memória de meu pai esteja muito mais vinculada à orla e ao porto e menos à fruição dos edifícios imediatamente lindeiros integrantes do Ensanche.

2.5. O contexto da imigração de meus pais

A decisão de emigrar é algo complexo e até nebuloso em minha memória e o mais intenso aparece de forma vinculada à pobreza que se vivia na região a partir do fim da guerra civil em 1939. Pobreza que não significava miséria, mas que foi intensificada drasticamente na “crise provocada pelos racionamentos consequentes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e da Segunda Guerra Mundial, e viveu o dilema de uma terra dividida em minifúndios de baixa produtividade [...]” (PERES, 2003, p. 35-36). A ausência de alternativas econômicas para os que buscavam não ser lavradores era patente e meus pais já haviam adquirido seus conhecimentos e práticas na marcenaria e no mundo da costura.

Um elemento estruturante da escolha do destino para emigrar foi o movimento empreendido por tios de meu pai que haviam emigrado para o México, fazendo fortuna, perdendo fortuna e refazendo-a novamente, o que foi compreendido como um possível ambiente de oportunidades.

A escolha do país passou primeiramente pelo México, quando meu pai e seu irmão mais velho, José, estavam decidindo juntos sobre a emigração; no entanto, revesses políticos e diplomáticos entre México e Espanha (o fechamento da imigração num período coincidente com a decisão de meus pais, justamente pela negação de Lázaro Cárdenas, presidente do México, a receber mais espanhóis em função de uma Espanha governada pelo fascismo, em oposição ao regime vigente no país latino-americano), fizeram com que o destino da viagem fora redefinido. Essa mudança bastante drástica na vida dos novos imigrantes da minha família impactou sobretudo a questão da língua. As implicações emocionais com o idioma acompanharam meu pai durante toda a vida, já que não pode ir a um país de fala castelhana, língua obrigatória na Espanha franquista, mas que havia sido exercitada e adotada em sua vida n'A Coruña.

A questão do idioma, que é um elemento de identidade pessoal e nacional, está no centro das implicações do preconceito com os galegos, na própria Espanha, onde eram tidos como

“rústicos”, ou com uma “cultura inferior”, com um idioma “oprimido e negado pelas instâncias oficiais desde finais do século XV, quando com a unificação espanhola imposta pelos reis católicos sob a égide de Castilla, foi preterido e passou a ser visto como ‘castelhano mal falado’” (PERES, 2003, p. 38, aspas no original).

O impacto emocional com o idioma foi, sem dúvida, um elemento muito importante em toda a minha percepção sobre a imigração de meus pais. Eles viveram um permanente deslocamento, cujas dimensões eu ainda esteja por compreender mais profundamente, o que faço redigindo este artigo: a viagem transatlântica, o deixar a terra natal representou um deslocamento físico e emocional que repercute até hoje em minhas próprias memórias e em minha vida como primeira descendente galega no Brasil (e, em relação à família de minha mãe, a única “prima do Brasil”, assim apresentada à numerosa prole que meus primos e primas maternos estão a gerar).

[...]São Paulo, um dos pontos de concentração maciça dessa imigração no Brasil” (PERES, 2003, p. 21), foi a decisão já que o destino foi o Brasil. Apesar de Salvador, na Bahia, ser um lugar de grande concentração de galegos havia muito tempo, a escolha por São Paulo é compreensível, uma vez que esta cidade, em 1950, já era a maior do país e transformara-se em polo metropolitano – a Grande São Paulo – o que gerou uma série de consultorias urbanísticas estrangeiras, com a presença de profissionais brasileiros, como a do *IBEC – International Basic Economy Corporation*, presidida por Nelson Rockefeller, com Robert Moses e seu relatório “Programa de Melhoramentos Públicos para a Cidade de São Paulo”, de 1950. Na mesma década o padre dominicano Joseph Lebet, que já estava na América do Sul desde os anos 1940, estrutura a SAGMACS – Sociedade para a Análise Gráfica e Mecanográfica aplicada aos Complexos Sociais - propondo, com uma equipe interdisciplinar, a “Estrutura Urbana da Aglomeração Paulistana”, de 1958, com São Paulo como o centro irradiador de desenvolvimento econômico e social para sua região mais próxima e para todo o estado (CAMPOS; SOMEKH, 2002; FERRARI; NEGRELOS, 2022).

A decisão final pelo Brasil, independentemente das idas e vindas sobre o país de destino, vale registrar que foi diferente da de vários contingentes de pobres espanhóis que se dirigiram a Madrid, assentando-se nas inúmeras *chabolas* que foram sendo formadas nas periferias da capital e que, na minha primeira longa estada na Espanha para a realização da pós-graduação, pude estudar e aprofundar (NEGRELOS, 1998).

O total de espanhóis que entraram em São Paulo pelo Porto de Santos nos anos 1950, foi de 77.801, sendo que, entre 1946 e 1964, período em que localizamos as viagens de meus pais, foram 26.072 galegos, ou seja, um terço daquele contingente de espanhóis. (PERES, 2003).

O primeiro a emigrar a São Paulo é, então, meu tio José, já casado com Florinda. As viagens de meus pais ocorrem quando o Brasil era governado pela segunda vez por Getúlio Vargas, eleito em 1950 para um mandato até 1955, tendo tirado a própria vida em 24 de agosto de 1954, dada a turbulência do ambiente de deposição que os militares lhe impunham. Esse foi um evento que assustou minha mãe, pois ocorreu apenas dois meses antes de sua viagem ao encontro do esposo.

O processo migratório vivenciado pelos meus pais foi realizado com a geração de muitos documentos requeridos pelas instituições envolvidas. A preocupação governamental em relação à moral e relações políticas dos imigrantes é francamente notável em várias passagens

desses documentos. Há algumas diferenças entre a redação dos documentos da imigração de Dario, uma vez que ele viajou em 1953. A declaração do presidente do *ayuntamiento* de Castro de Rei, de maio de 1953, por exemplo, afirma que para os trâmites de passaporte, Dario “não tem familiares exilados”. Já para Digna, em setembro de 1954, o que consta é que “ha observado hasta la fecha buena conducta y moralidad”.

Impacta o conteúdo do documento assinado em 13 de maio de 1953 pelo “Cabo Primero Comandante del Puesto de la Guardia Civil de esta residencia perteneciente a la 240 comandancia de Lugo”, afirmando que meu pai “ha venido observando buena conducta moral, pública y privada, carece de filiación y antecedentes políticos y se le considera afecto al Glorioso Movimiento Nacional” [!!!] “para que surta sus efectos en emigrar a la República del Brasil”. Tal afirmação somente pode ser compreendida como falsa, tendo em vista que em nenhum momento dos relatos de memória de meu pai aparece qualquer tipo de filiação política, inclusive com o regime ditatorial de Franco. Ao contrário, Dario sempre lamentava a perseguição que era notável às pessoas de sua aldeia contrárias ao fascismo, não sendo militante de nenhum dos lados. Além disso, “a imigração galega revestiu-se de características peculiares pela própria tradição emigratória acentuada da região [...] e, principalmente, por ser uma imigração não vinculada [nos anos 50] necessariamente ao antifranquismo.” (PERES, 2003, p. 37). Esse falseamento documental ocorre também com Digna, que, em documento similar, de 04 de setembro de 1954, aparece a afirmação do mesmo posto hierárquico, de que “ha venido observando buena conducta moral, pública y privada, así como sus familiares más alegados, considerándole afecto al Régimen actual” [!!!]

Para a saída como “emigrante” de Vigo em 12 de junho de 1953, no Navio Monte Udala, Dario obteve visto em 10 de junho de 1953 no Consulado do Brasil em Vigo, em cujo documento consta que “viaja para o Brasil em caráter permanente, segundo o artigo 9.º do Regulamento”.⁶

No pedido de visto, outro documento de 10 de junho de 1953, consta a “origem étnica celta”, o que, apesar de não explorarmos esse dado neste trabalho, é de grande interesse, tendo em vista as mudanças nas políticas imigratórias em diversos países no pós segunda guerra, como o Brasil, que já em 1945 “passou a regulamentar a entrada de estrangeiros, impondo regras que estipulavam critérios para a seleção dos imigrantes desejáveis ao país” (PERES, 2003, p. 33), mesmo já tendo afastado a discussão que ocorreu desde a década de 1920 e 1945, sobre a eugenia.

Outro documento é a declaração, de 06 de junho de 1953, do “propietario del taller de carpinteria establecido en la calle de José Antonio Primo de Rivera de la ciudad de Lugo”, certificando que Dario “ha prestado sus servicios como carpintero, en este taller por un plazo superior a dos años, habiendo cumplido a maravilla su cometido, y habiendo observado una conducta intachable.”

Documentos vinculados à questão sanitária foram providenciados em Vigo a 10 de junho de 1953, como o atestado de vacina contra a varíola, o atestado de saúde para permanentes, afirmando que Dario “goza de boa saúde, não apresenta sintomas ou manifestações de lepra, tuberculose, tracoma, elefantíase, doença venérea em período contagiante, câncer, afecção men-

6 Peres (2003, p. 39) indica que “aqueles que chegaram após 1953 só foram considerados [por ela] quando possuíam passaportes emitidos na Galícia e tivessem visto permanente n. 9 ou n. 10”, abarcando, portanto, as chegadas de meu pai e de minha mãe, ambos com visto n. 9.

tal; não é cego, surdo, surdo-mudo, aleijado, mutilado, alcoolista ou toxicômano nem tem lesão orgânica que o invalide para o trabalho”.

No navio Monte Udala, meu pai acompanhou Florinda, esposa de José; o navio faz uma parada no Rio de Janeiro antes de finalizar a viagem em Santos, oportunidade aproveitada por Dario, ávido de cidades grandes, para passear, cortar os cabelos e fruir a capital do Brasil; momento de liberdade que o fez perder a noção do tempo e quase perder o navio, contando, sempre alegre, que o comandante lhe esperava com seu passaporte às mãos como último passageiro a retornar para o barco, para o desembarque em Santos em 26 de junho de 1953.

Para a viagem de minha mãe, acompanhada por Alfredo, um irmão mais novo de meu pai, que seria meu padrinho, alguns documentos são especiais, uma vez que meus pais se casaram por procuração, assinada por Dario em 02 de janeiro de 1954 no consulado da Espanha em São Paulo, a meu avô paterno José Negrelos Fraga. No dia 06 de março de 1954, ocorreu a cerimônia na Igreja de Santa María de Outeiro e, no dia 08 de março, meu avô paterno registra o ofício no Juzgado de Paz e esse documento civil é anexo em 04 de outubro de 1954 junto aos documentos necessários para a viagem de Digna. Junto a esse documento foi fundamental a “Carta de llamada”, obtida por Dario no Consulado General de Espanha em São Paulo em 26 de julho de 1954, que autorizava minha mãe a que, como sua esposa, “prévia a obtenção do passaporte e demais documentos necessários ante as autoridades competentes, possa embarcar, livremente, em qualquer porto de Espanha com destino ao Brasil a fim de reunir-se com o comparecente”.

A saída de Digna como “emigrante”, em Vigo em 07 de outubro de 1954, se dá no Navio Castel Bianco, com a obtenção do visto em 07 de outubro de 1954 no Consulado do Brasil em Vigo, onde consta que “viaja para o Brasil em caráter permanente, segundo o artigo 9.º do Regulamento”. Para a emissão do visto, foi necessário um documento do Ministerio de Justicia, Dirección General de Prisiones, certificando que no Registro Central de Penados y Rebeldes, no aparece ninguna que haya referencia a Digna Portela Yañez, em Madrid, 11 de setembro de 1954.

Digna desembarca em Santos, em 20 de outubro de 1954, onde lhe aguardava Dario, que foi em ônibus para o porto, com bilhete comprado no térreo do Edifício Guarani, de projeto de Rino Levi, no Parque Dom Pedro com a Rua Rangel Pestana.

2.6. A vida em São Paulo

A primeira morada de Dario em São Paulo foi no bairro da Mooca, à Rua Cassandoca, 68, próximo aos seus patrícios e onde chegou Digna um pouco mais de um ano depois.

A dimensão do trabalho duro foi a tônica da vida de ambos; Dario havia ingressado a um excelente posto de trabalho na empresa Light, como carpinteiro, executando as colossais formas de madeira da usina hidrelétrica em Barueri, município da Grande São Paulo. Ali era muito respeitado por todos os setores hierárquicos, mas decidiu deixar o trabalho quando chegou minha mãe, uma vez que, dada a distância, meu pai ficava a semana toda no trabalho e não quis seguir com essa situação para não deixar minha mãe sozinha durante esses dias.

De todas as formas, a força para o trabalho, tanto física quanto originada na própria formação familiar, foi um elemento fundamental para o enfrentamento de todas as dificuldades, que não foram poucas. “O temor do fracasso permeia o processo de adaptação na nova terra.

É quando o trabalho se apresenta como fator organizador e estabilizador da vida psíquica.” (PERES, 2003, p. 21)

Conhecer outros imigrantes de outras culturas e relacionar-se com os patrícios, vários deles de aldeias muito próximas a Pacios e Outeiro, como Paraxes e Meira, foi muito importante para o cotidiano da nova vida tão distante da terra natal. A *morrinha*, ou a saudade – *soidade* em galego – sempre presentes, são termos que, até hoje, me oferecem um significado muito especial, tanto por ter acompanhado e guardado tantos momentos de tristeza (falecimentos principalmente), de alegria triste (nascimentos e aniversários que não podiam ser compartilhados por meus pais), quanto por serem palavras que só aparecem nas línguas portuguesa e galega, ambas com origens no galaico-português.

Aparece novamente a questão do idioma, uma vez que o galego sempre foi mal entendido no Brasil, pela ignorância da origem das duas línguas, o que fazia com que meus pais muitas vezes tenham sido tidos por portugueses. Daí, o impacto em sua identidade, pois não eram nem brasileiros, nem portugueses e nem castelhanos.

A busca pela estabilidade econômica e emocional levou a que meus pais passassem 8 anos sem filhos, numa dúvida sobre se voltariam ou não para a Galícia. Em 1962, a 6 de janeiro, quando venho ao mundo, é um marco do sonho de uma vida melhor para sua prole, que acaba por ser com uma filha única, o que acaba por ser uma marca de decisão de vários familiares em São Paulo e, inclusive, na própria Galícia, bem como marca a decisão de ficar no Brasil.

3. Reflexões disciplinares sobre o urbanismo na Galícia: memórias do *ensanche* na Coruña

O primeiro plano para A Coruña, entre 1622-1634, foi realizado por Pedro Teixeira – com uma visão territorial do litoral da Espanha, “mostrando a importância da baía, a cidade alta e sua fortificação medieval, a existência do âmbito da Pescadería, sem fortificar [...]” (GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO, 2022, p. 30). Ainda em 1639, o engenheiro militar Juan Santáns y Tapia elabora o segundo plano para a cidade, que, em relação à Pescadería, se vê separada da cidade, com a defesa da muralha com traçado original. Já em 1667, dá-se uma proposição de plano que se baseia principalmente em fortificações, elaborado por Manso de Zúñiga, claramente voltado à questão defensiva. Tal preocupação ainda está muito presente no plano de Renau, do início do século XVIII, mas indicando uma forma que será importante para as fases seguintes, uma vez que “o traçado, talvez influenciado pela forma de fortificar holandesa, apresenta como novidade a utilização dos fossos como formação defensiva, unindo o mar pela parte de Orzán y do Porto.” (GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO, 2022, p. 33). Essa ligação entre a baía de Orzán e a parte portuária está justamente indicada no que será posteriormente a Rua Juana de Veja, delimitação do primeiro *ensanche* de 1874.

Segundo o mesmo autor, no primeiro quartel do século XVIII, a atuação dos engenheiros militares na elaboração de planos para A Coruña é patente, inclusive no sentido de “planos geográficos”, com Francisco Montaigú elaborando duas propostas, em 1723 e 1726, com a manutenção da ideia de fosso anteriormente indicada, além de explicitar, no plano de 1726, a centralidade da Pescadería na cidade – “Plano de la ciudad y Pescadería de La Coruña”. Essa

visão geográfica, defensiva e com projetos para pontos estratégicos – como desembocadura de rios - na visão militar segue em aplicação em 1774, com a proposta de Pedro Martín Zermeño y García de Paredes.

Os Planos de Reforma e Ensanche nos motivam para uma abertura para a pesquisa historiográfica, num momento potencial de aprofundamento sobre a história do urbanismo na Galícia, com foco especial no ensanche no caso d'A Coruña, pelas memórias da imigração aqui registradas, com o objetivo de continuar os estudos para a compreensão de seu crescimento metropolitano.

Ao contrário do que se propaga na historiografia do urbanismo, os ensanches não são exclusividade de Barcelona e Madrid, em que pese a importância da “Teoría General de la Urbanización” de Cerdá acompanhando a experiência barcelonesa. A partir dessas proposições e obras, de meados da década de 1850, se abrem caminhos para a introdução do “modelo assim iniciado a sucessivas gerações de ‘ensanches de población’ em outras cidades espanholas de muito parecido tamanho” (LÓPEZ TRIGAL et al, 1999, p. 10, aspas no original).

Uma compreensão do Ensanche como “verdadeiros transbordamentos das cidades do século XVIII ao entrar, mais cedo ou mais tarde, na profunda crise da Revolução Industrial (RIBAS i PIERA, 1999, p. 22), pode ser ampliada com o esquema teórico proposto por Balldellou (1995, p. 25-26), como operações de “conexão” ou de “sutura do território”; nesta segunda categoria se enquadrariam os ensanches na Galícia, sendo que apenas os de “Vigo e A Coruña podem propor-se como exemplos de crescimento convencional, mesmo com muitas limitações (p. 26).

Importa-nos aqui a relação histórica entre um modelo de expansão urbana e sua disseminação intensa em um momento de expansão da acumulação nos moldes industriais e que, a pesar da importância de nós metropolitanos como Barcelona e Madrid (ambos de 1860), também foram implementados em sítios de importância para o modo de produção. Ambas as cidades, com os ensanches de Cerdá e Castro, respectivamente, fazem parte da primeira geração de ensanches, juntamente a Bilbao (1860), San Sebastián (1864) e Valencia (1858). (COUDROY DE LILLE, 1999, p. 70-72).

Antes da lei de 1864 que normatiza o ensanche, Coello já havia proposto planos, em 1856, para Vigo, Pontevedra, Tuy e Ourense. Após a lei de 1864, o mesmo Coello elabora planos em 1865 para as cidades d'A Coruña, Ferrol, Betanzos, Santiago de Compostela. (BALDELLOU, 1995)

A Coruña tem seu ensanche proposto em um concurso em 1880 e traçado definitivo em 1885 (GONZÁLEZ-CÉBRIAN TELLO, 1992, p. 340), a partir da nova lei de ensanches de 1876, correspondendo a uma segunda geração de ensanches que “é sem contestação a mais homogênea” (COUDROY DE LILLE, 1999, p. 72), onde também se encontram as cidades de Mataró, Alcoy, Gandía, Tortosa e Valencia com seu projeto aprovado. Com a lei de 1892, à qual se agrega em 1895 o modelo de “reforma interior” e se introduz de forma intensa os projetos de saneamento nas cidades, pode-se dizer que há uma terceira geração, com os casos de León, Cartagena, Palma de Mallorca e Gerona. (COUDROY DE LILLE, 1999, p. 72-76)

A derrubada das muralhas é um elemento de interesse central aqui, uma vez que Lugo as manteve integralmente e em Coruña as antigas muralhas da Cidade Velha e da Pescadería der-

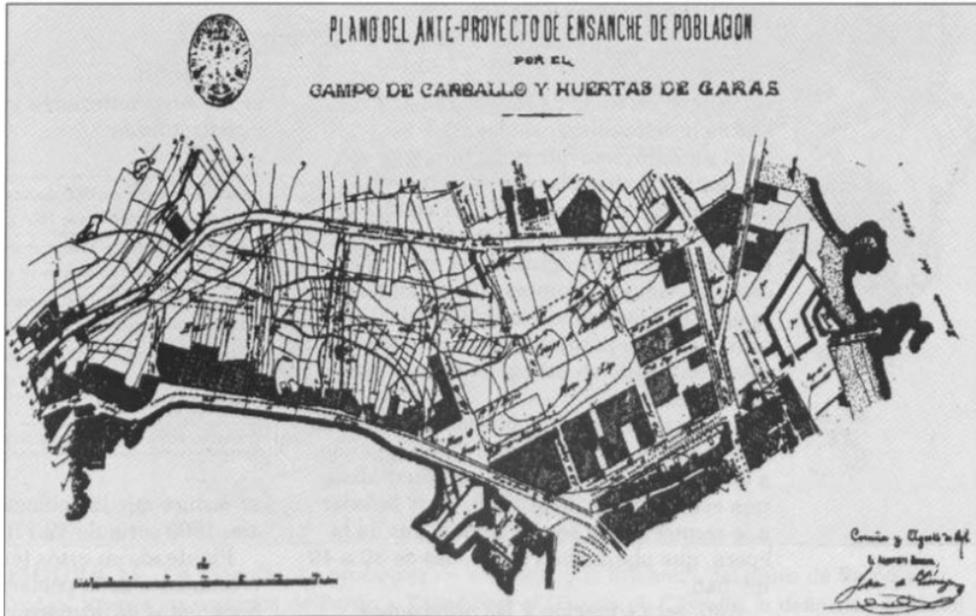
rubadas entre 1840 e 1869 (BALDELLOU, 1995, p. 33), tem uma linha hoje guardada por edifícios, assim como a cidade lucense de Viveiro. Tal operação de desmonte da fronteira ancestral entre a vila e o exterior se traduz como uma grande transformação urbana “e de ruptura com a cidade tradicional muito significativa. Esses atos fazem simbolicamente entrar sucessivamente cada cidade na modernidade [...] [e na] da difusão da modernização das práticas de ordenação urbana”. (COUDROY DE LILLE, 1999, p. 76).

[...] a cidade, com uma importância demográfica no momento de dar-se início ao Ensanche, como consequência de seu já importante papel administrativo como capital do Reino de Galícia, com uma clara influência militar no desenvolvimento de novas instituições, não se desenvolverá industrialmente atuando em pequena escala, como as capitais nacionais no seu processo de criação de novo solo, ou seja, por atuações pontuais. O Ensanche representará por tanto uma resposta ao processo contínuo de crescimento, que se materializará em propostas de escassa dimensão e sempre atrás de um crescimento que obrigará aos projetos a adaptar-se em seus traçados à edificação já iniciada. (GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO, 1999, p. 341)

No momento do primeiro ensanche, em 1885, a superfície inicial da cidade da cidade d'A Coruña alcançava 69,3 ha e 33.739 habitantes, com uma proporção de 20,54m²/hab, bastante elevada. O ensanche representará um acréscimo de solo de 19,64ha – dos quais apenas 8,71ha serão ocupados por quadras e edifícios públicos – com uma população de 10.444 pessoas; aqui a proporção será de 18,8m²/hab, nada desprezível no que se refere à situação anterior. A diferença do ensanche corunhês com Barcelona, por exemplo, reside em sua formação que, apesar de diferenciada em relação à cidade existente, ainda será vista como parte dela. (GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO, 1999, p. 339)

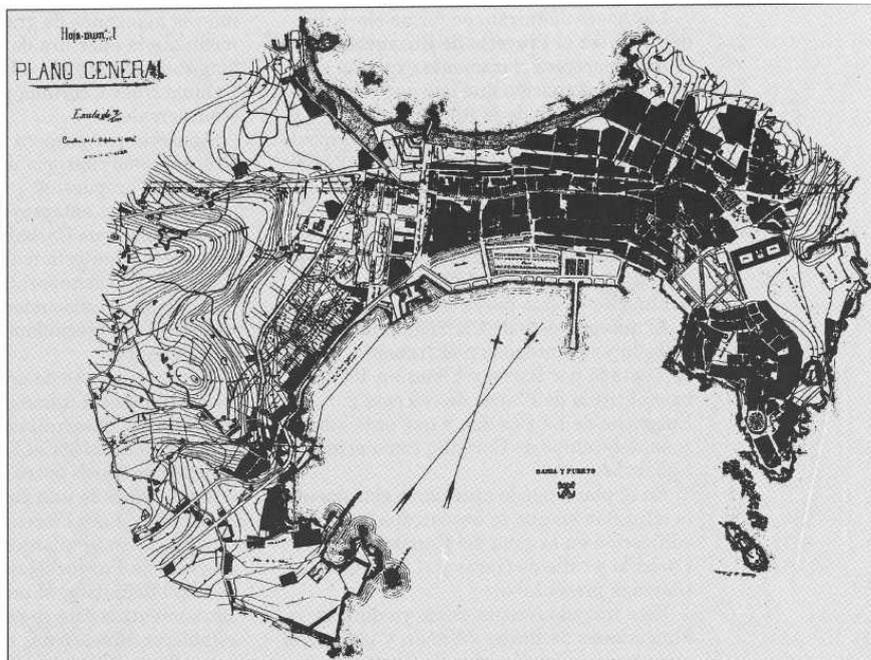
O processo tem início com o anteprojeto do arquiteto municipal Juan de Ciorraga em 1878, dando origem ao concurso de junho de 1880. Anterior a ele, é importante registrar a proposta de Barón y Yáñez em 1874, “Planos de reforma y Ensanche en La Coruña”, que já indicava o sítio da ampliação da cidade. O concurso teve apenas uma proposta, a de Alfredo Álvarez Cascos e Francisco de Roldán y Vizcayno – com desenvolvimento de projeto sob orientação de Ciorraga, que apresenta a versão definitiva em 1885, o “Nuevo Plan de Ensanche”.

Figura 1: primeiro Ensanche com a rua de Garás na parte inferior.



Fonte: GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO (1999, p. 343)

Figura 2: primeiro Ensanche em relação à cidade constituída.



Fonte: GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO (1999, p. 345)

Avançando com o crescimento urbano, em 1903 se desenvolve um programa para novo concurso, elaborado pelo arquiteto municipal Pedro Mariño, que indica no plano geral da cidade a nova direção de crescimento. A Municipalidade entrega diretamente o encargo da elaboração do Plano, em 1906, a Mariño e ao engenheiro Emilio Pan de Soraluze, com aprovação definitiva em 1910, em que pese que a Cidade Satélite proposta na península da Torre não foi jamais implantada. “Os Ensanches de Coruña [1885, 1910] se bem representaram um passo importante na criação de novo solo para edificar, não podem comparar-se com os Ensanches clássicos conhecidos (Barcelona, Sán Sebastián, etc.) em quanto à nova imagem da cidade que se cria, já que o âmbito de desenvolvimento do Ensanche é reduzido em relação à cidade existente” (GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO (1999, p. 338)

Como registros finais deste ensaio interessa-nos indicar a sequência de planos urbanos para Coruña, buscando aproximar-nos o mais que pudermos neste momento de prospecção histórica vinculada à experiência de Dario na cidade na década de 1940. Os planos subsequentes ao segundo ensanche são os de Fermín Gutiérrez, de 1931 e o de César Cort, que se desenvolve justamente no período da estância de meu pai na Coruña: em 1942 Cort inicia os trabalhos de elaboração do Plano de Ensanche e Extensión apresentado em 1943, com adaptações até 1945, quando o plano é abandonado, até que um plano de alinhamentos seja retomado em 1948.

En A Coruña, la fuerza de la alineación va de la mano de ese urbanismo elemental, hecho de topografía, propiedad y economía, que más acierta cuando más simple es lo que se propone. En cambio, en los trazados complejos, en los intentos de «ensanches», indecisos, pequeños, desarticulados, el juego de las alineaciones se pierde en la confusión.

O cuando, en los planes de los años 40 la alineación se independiza como trazado viario esquemático, abstracto, despegado de la parcela y de la cota, su autoridad y su acierto se desvanecen igualmente.

(SOLÁ-MORALES, in GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO, 2022, s/p)

Eulalia P. Negrelos. *Arquiteta e Urbanista (1984), Faculdade Belas Artes (SP). Mestre (1998) e Doutora (2005), FAU-USP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Especialista Técnico Urbanista (1987), IEAL-Instituto de Estudios de Administración Local (Madrid). Professora – Graduação e Pós-graduação - e pesquisadora Livre Docente (Associada) – IAU-USP. Área de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo. Lidera o URBIS-IAU-USP (Grupo de Pesquisa em História do Urbanismo, da Cidade e da Habitação). orcid.org/0000-0003-4093-9082. Mail: negrelos@sc.usp.br*

Referências bibliográficas

- BALDELLOU, Miguel Ángel: *Arquitectura Moderna en Galicia*, Sociedad Editorial Electa España, Madrid, 1995.
- BOURDIEU, Pierre: *¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos*, Akal, Madrid: 1985
- COSTA CLAVELL, Javier: *Rosalía de Castro*, Plaza & Janes S.A. Editores, Barcelona, 1967.
- COUDROY DE LILLE, Laurent: “A propósito de los “Ensanches Menores” en España, LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo (ed.): *Los Ensanches en el urbanismo español. El caso de León*, Junta de Castilla e León, León, 1992, p. 61-79.
- COUDROY DE LILLE, Laurent: “Los ensanches españoles vistos desde fuera: aspectos ideológicos de su urbanismo”, *Ciudad y Territorio Estudios Territoriales*, XXXI (119-120, 1999, p. 235-251.
- FERRARI, Camila; NEGRELOS, Eulalia: “Estado e planeamento na América Latina: origens do desenvolvimentismo no Brasil”, *Urbana*, UNICAMP, Campinas, v.8, n.3 [14], 2016, p.111-132.
- FERRARI, Camila; NEGRELOS, Eulalia: “Urbanização, Estado e Planejamento entre 1945 e 1964. Especificidades brasileiras na América Latina”, *Contemporânea*, Montevideo, Volumen 16, número 2, agosto-diciembre de 2022, p. 83-105.
- GAVIRA, Carmen: “El Ensanche como instrumento técnico y político de los ingenieros progresistas”, LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo (ed.): *Los Ensanches en el urbanismo español. El caso de León*, Junta de Castilla e León, León, 1992, p. 39-60.
- GONZÁLEZ-CEBRIÁN TELLO, José: “Los ensanches de Galicia”, *Ciudad y Territorio Estudios Territoriales*, XXXI (119-120, 1999, p. 335-350.
- GONZÁLES-CEBRIÁN TELLO, José: *La ciudad a través de su plano. La Coruña*, Xaniño, A Coruña, 2022.
- JELIN, Elizabeth: *Los trabajos de la memoria*, Siglo XXI de España Editores, S. A. Madrid, 2002.
- LE GOFF, Jacques: *História e memória*, Editora da UNICAMP, Campinas, 1990.
- MARÍA, Manuel: *Terra Chá*, Irmandade dos vinhos galegos Galiza, 2005.
- NEGRELOS, Eulalia P. *Remodelação de bairros populares em São Paulo e Madrid 1976-1992. Projeto e Participação Popular*, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1998.
- PERES, Elena Pájaro: *A inexistencia da terra firme: A imigração galega em São Paulo 1946-1964*, Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 2003.
- RIBAS I PIERA, Manuel: “Teoría del Ensanche y el Paisaje Urbano”, LÓPEZ TRIGAL, Lorenzo (ed.): *Los Ensanches en el urbanismo español. El caso de León*, Junta de Castilla e León, León, 1992, p. 15-37.
- SAMBRICIO, Carlos (ed.): *Un siglo de vivienda social 1903-2003*, Ayuntamiento de Madrid/Ministerio de Fomento/Consejo Económico y Social, 2003.
- SOMEKH, Nadia; CAMPOS, Candido: *A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX*, Editora Mackpesquisa, São Paulo, 2002.
- VALVERDE, José María: *Pedro Calderón de la Barca. La vida es sueño Drama y Auto sacramental*, Planeta, Barcelona, 1981.